

Este período terá Gênesis como foco de estudo. Recomendando que o professor leia-o integralmente antes de começar o período, talvez, na semana que antecede a primeira aula. Se isso acontecesse, uma visão geral do primeiro livro da Escritura seria adquirida antes de estudá-lo em partes menores.

Esta leitura revelaria, entre outras coisas, que um tema teima em percorrer cada uma das narrativas: o tema da aliança, do pacto. O que é ensinado em cada história, que liga cada um dos patriarcas, de Abraão a Jacó, é a aliança firmada com Deus. Nesse pacto, a terra de Canaã é prometida como herança à descendência dos patriarcas. Como sinal, a circuncisão é exigida. Surge o elemento visível de um pacto muito maior do que eles poderiam naquele momento compreender.

O filho mais velho de Abraão foi Ismael, mas Deus escolheu Isaque para dar continuidade à promessa. O filho mais velho de Isaque e Rebeca foi Esaú, mas Deus escolheu Jacó para levar avante o pacto. O filho mais velho de Jacó foi Rúben, mas Deus escolheu Judá para ser o progenitor da linhagem messiânica, e José como o elemento que transformou o clã numa nação, ao levá-los para o Egito.

José foi levado como escravo para o Egito por causa de um incidente pouco glorioso, quando foi traído pelos próprios irmãos. Foi esse incidente que transportou o clã de Jacó para as margens do Rio Nilo.

Posteriormente, entretanto, nem o próprio José chegou a culpar seus irmãos pela sua ida para o Egito. Para ele, Deus determinou os eventos da sua vida com vistas ao bem de todos. Com isso, ele nos ensina que Deus dirige a história, usando vasos frágeis na direção do cumprimento da promessa.

Um bom período de estudo.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

ISSN 1984-8382

Literatura Batista
Ano CXV – Nº 457

Atitude professor é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2

1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

conviccao@conviccaoeditora.com.br

//SUMÁRIO

Para começar	1
Pauta musical.....	3
Recursos bíblico-teológicos	4
Tema da EBD.....	7
Lição 1 – A criação do universo	10
Lição 2 – O ser humano – A razão de ser da criação	13
Lição 3 – O ser humano desvia-se do propósito de Deus	16
Lição 4 – Distanciando-se de Deus.....	19
Lição 5 – Uma nova chance	22
Lição 6 – Deus começa a formar seu povo... 25	
Lição 7 – Deus age contra o pecado.....	28
Lição 8 – A fidelidade em Deus e no homem.....	31
Lição 9 – A verdadeira casa de Deus	34
Lição 10 – A bênção da reconciliação	37
Lição 11 – Os desencontros familiares	40
Lição 12 – Deus transforma o mal em bem . 43	
Lição 13 – A história do princípio de tudo ..	46

GRANDIOSO ÉS TU!

1. Se-nhor, meu Deus, quan-do eu, me-ra-vi-lha-do, cor-tan-plo-a tu - ai-
 2. Ao ca-mi-nhar nas-m-tas e flo-res - tas, es-cu-to-as a - ves
 3. Quan-do eu me-di-to em teu e-cor tão gran-de, que o-fe-re-ceu teu
 4. E quan-do, em-fin, Je-sus vi-er em gló-ria e ao-lar ce-les-teen-

men-sa cri-a - ção, - o céu e a ter-ra os vas-tos o-ce-a - nos - fi-co a pen-
 do-das a can-tar; o-lhan-do os mon-tes, va-les e cam-pi-nas, em tu-do
 fi-lho so-bre o al-tar, ma-ra-vi-lha-do e a-gra-de-ci-do ve-nho tam-bém a
 tão me trans-por-tar, a-do-ra-rei, pros-tra-do e pra sen-pre: "Gran-dio-so-és

sar em tu-a per-fei-ção.
 ve - jo o teu po-der sem par. En-tão mi-nha al - ma can-ta a ti, Se-
 mi - nha vi-da te o-fer-tar.
 tu, meu Deus! hel-de can-ter.

nhor: "Gran-dio-so-és tu! Gran-dio-so-és tu!" En-tão mi-nha al - ma
 can-ta a ti, Se-nhor: "Gran-dio-so-és tu! Gran-dio - so-és tu!"

HCC, nº 52

LETRA: Carl Boberg, 1886

Port. Paulo de Tarso Prado da Cunha, através do inglês,
1964, alt.

MÚSICA: Melodia sueca

Arr. Ralph Manuel, 1990

O STORE GUD

11.10.11.10.

com estribilho

O CONSTRUTIVISMO NA EBD

ELIZETE MIRANDA
RIO DE JANEIRO, RJ

“O princípio da sabedoria é: adquira a sabedoria; sim, com tudo o que possuiis adquira o entendimento. Estima-a, e ela te exaltará; se a abraçares, ela te honrará; dará à tua cabeça um diadema de graça, e uma coroa de glória te entregará” (Pv 4.7-9).

Há mais ou menos uma década, o construtivismo está nos meios educacionais. A abordagem construtivista do conhecimento tem chegado e conquistado espaço, contagiando professores com uma nova mentalidade. O construtivismo busca demonstrar o papel central do sujeito na produção do saber.

O desafio, neste caso, é a qualidade de ensino que o professor deve aos seus alunos. É preciso não esquecer a natureza coletiva desse processo, pois educar não se restringe à ação isolada de cada professor no limite de tempo que se vê frente a frente do seu aluno.

Os teóricos do construtivismo constata-ram que o aluno é sujeito de sua pró-

pria aprendizagem, ele atua de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia.

Quando a aprendizagem é entendida dessa forma, os métodos se tornarão secundários, porque o indivíduo aprende apesar deles. São apenas passos de ensino e não processos de aprendizagem.

Para entender melhor, pense no exemplo do corpo: a técnica é como um corpo sem vida. A finalidade da educação é dar vida a esse corpo; o método, é o alimento que põe em ação os mecanismos que dão sentido aos fins do processo educativo.

A própria teoria do construtivismo nos ensina que a aprendizagem resulta na atividade do sujeito, e isso depende do seu ritmo individual. O professor é apenas o mediador, ou o facilitador, no processo de ensino-aprendizagem.

Essa ideia do professor como “mediador” ou “facilitador” da aprendizagem não é nova. Apesar disso, entretanto, não são muitos os professores que real-

mente praticam esse modelo nas suas salas de aula.

Mas perceba: o construtivismo não oferece um outro modelo e, sim, o pressuposto de que o indivíduo é quem constrói seu próprio conhecimento. Neste caso, o professor da EBD deve sair do centro do processo pedagógico, e ocupar seu lugar adequado.

Mas qual é o novo papel do professor? Que lugar ele ocupa na educação? A teoria de Vygostsky atribui especial importância ao meio social no processo de aprendizagem. É o que ele chama de “zona de desenvolvimento proximal”, ou seja, é exatamente a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial do aluno. É a possibilidade que ele tem de resolver problemas sob a orientação de alguém, nesse caso, o professor.

Cabe a cada professor reinterpretar, reconhecer e recriar seu próprio papel. Compete a ele a tarefa de desafiar, instigar os alunos, tirá-los de uma situação confortável. Ele é o desafiador dos seus alunos.

O aluno é o centro do processo de aprendizagem e o professor é o centro do processo de ensino. Os dois não precisam disputar um lugar em sala de aula. Também os dois não estão em pé de igualdade. Aos professores cabe a direção, a definição dos objetivos e o controle dos rumos da ação pedagógica.



Cabe a cada professor reinterpretar, reconhecer e recriar seu próprio papel. Compete a ele a tarefa de desafiar, instigar os alunos, tirá-los de uma situação confortável

Dele se requer o domínio dos conteúdos de ensino e o conhecimento cognitivo, ou seja, conhecimento da capacidade que seus alunos têm de aprender algo, para desenvolver um bom trabalho.

A partir dessa apresentação geral, gostaria de apontar algumas possibilidades de aplicação desses princípios numa sala de aula da EBD.

- Os alunos têm conhecimentos prévios construídos, que o professor deve aproveitar para as novas aprendizagens;
- Criar situações-problema para que os alunos resolvam durante o processo de aprendizagem;
- Oferecer ajuda aos alunos sobre como proceder, por meio de perguntas que lhe permitam refletir;

Devemos promover um aprendizado enriquecedor, agradável, que proporcionará ao aluno a vontade de buscar mais, por conta própria, outras fontes de conhecimento

- Promover atividades conjuntas entre os alunos, em duplas ou em pequenos grupos, para facilitar o intercâmbio de ideias;
- O professor pode definir com a classe algumas regras que poderão facilitar o processo. Atenção. É importante a participação deles no momento de definir estas regras.

Além destes princípios, existem algumas atitudes referentes ao ambiente de sala de aula que são igualmente importantes:

- Organizar um ambiente agradável, no qual a aprendizagem terá lugar;
- Elaborar critérios e tomar decisões para a seleção de materiais;

- Promover a interação dos alunos com os escritores das lições como, também, com outras formas de subsídios que tenham relação com o assunto estudado para enriquecer a aprendizagem;
- Os alunos devem iniciar, responder e organizar as atividades e não apenas o professor. O ambiente deve promover a busca de informação e exploração por parte deles. Talvez, fosse interessante pedir que eles trouxessem de casa algo referente à lição para ser discutido por todos em sala de aula.

Um modelo construtivista de ensino e de aprendizagem deve organizar atividades e proporcionar ambientes que incorporem duas dimensões principais: os seres humanos são agentes de sua própria compreensão; e os conhecimentos são produtos construídos em contextos sociais determinados.

Podemos, de forma bastante atraente para o aluno, promover um aprendizado enriquecedor, agradável, que proporcionará a ele uma vontade de buscar mais, por conta própria, outras fontes de conhecimento.

Assim, acredito, haverá crescimento, tanto espiritual quanto intelectual do seu aluno de Escola Bíblica Dominical. Faça um teste em sua classe. Você vai verificar como vale a pena ensinar sob a perspectiva construtivista.

GÊNESIS – ESTRUTURA E RELEVÂNCIA

PR. ANTONIO LAZARINI NETO
Nova Odessa, SP

Gênesis (palavra grega que significa *origem*) é o nome dado pelos tradutores da Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) ao primeiro livro da Bíblia. Na Bíblia Hebraica, esse livro (que está nessa mesma ordem, sendo o primeiro – o que não acontece com outros como Malaquias, por exemplo, que não é o último como em nossas Bíblias) recebe como título a primeira palavra do livro: “*No princípio*” (*bereshith*). Nele, temos o relato da origem do universo e do ser humano, da obra criativa de Deus, da queda do homem, contendo biografias que tecem a origem do povo de Deus.

Estrutura de Gênesis – O material literário de *Gênesis* está acomodado em dez partes ou seções, que são introduzidas pela palavra hebraica *tôlê dôt*, traduzida como “história das origens” ou “descendentes” ou “gênese” ou “genealogia” etc. Com exceção do primeiro relato, que é o das “origens do céu e da terra”, os outros nove levam o nome das pessoas,

contando suas histórias subsequentes, sem se preocupar necessariamente com a origem das mesmas. Derek Kidner diz que essa expressão em *Gênesis* sempre visa ao futuro, introduzindo um novo estágio do livro. Contudo, P.J. Wiseman argumenta que é sempre uma conclusão. Não se deve ser tão rígido nesta questão, pois *tôlê dôt* pode ser aplicável em *Gênesis* tanto ao passado (parece ser o caso de 2.4) quanto ao futuro (parece provocar menos anomalia nos outros nove casos).

O livro é formado por pequenas histórias que, às vezes, se estendem em função de detalhes como no caso da história de José que ocupa desde o capítulo 37 até o 50. Essas histórias são de pessoas que fazem parte de famílias que, num dado momento histórico, obtêm a atenção do relato revestindo-se de importância no meio em que estão vivendo por estarem também inseridas no programa histórico da aliança divina. No entanto, essa diversidade de relatos não deve ofuscar nossa visão com res-

peito à unidade do livro. Observar essa estrutura com base no *tôl^odôt* é útil para a correta interpretação do *Gênesis*, pois revela o “desenho do texto”, mas não se deve desprezar o todo composto por essas partes. Portanto, vamos a elas.

- **A gênese dos céus e da terra:** A expressão aparece a em 2.4 e o relato vai até 4.26. Se partirmos do pressuposto de que *tôl^odôt* pode ser flexível entre introdução e conclusão, essa parte começa em 1.1. Esse relato descreve a criação do universo em seis dias, a formação do homem e, posteriormente, da mulher. O capítulo 3 revela como satanás entrou na criação de Deus e tentou o homem a se rebelar contra a vontade do Criador. O capítulo 4 demonstra como a maldade se espalhou rapidamente a ponto de Caim e Abel, os dois irmãos filhos de Adão e Eva, travarem um conflito que culmina com o assassinato de Abel. Não se deve deixar de notar que essa parte termina informando que “nessa época começou-se a invocar o nome do Senhor” (4.26).

- **A gênese de Adão:** Essa parte vai desde 5.1 (introduzido com a expressão *tôl^odôt*) até 6.8, traçando as gerações desde Adão até Noé. Um tema notável desse relato é a “morte”, pois todos os homens aqui nomeados morreram, com exceção de um que “andou com Deus”: Enoque (5.22-24). O desfecho do relato registra a corrupção na qual

gradativamente os descendentes de Sete se envolveram. É a maldade inicial que continua a se expandir. Mas em 6.8, Noé é apontado como um que achou graça diante de Deus.

- **A gênese de Noé:** Começando em 6.9 (*tôl^odôt*) até 9.29, esse relato nos dá uma dupla e surpreendente mensagem concernente à justiça e a graça de Deus. Fora da arca, o dilúvio destruía toda vida, mas dentro da arca, uma família era preservada, porque “Noé andava com Deus” (6.9). O mesmo dilúvio universal, que trouxe o juízo divino sobre o pecado e a dura incredulidade, revelou também a graça de Deus ao salvar da morte e da destruição a arca com sua carga preciosa: um homem, acompanhado de sua família, que alcançou graça diante de Deus.

- **A gênese dos filhos de Noé:** Com início em 10.1 (*tôl^odôt*) e se estendendo até 11.19, descreve a distribuição dos três filhos de Noé em várias nações e idiomas. Este quadro examina o mundo das nações que foram conhecidas do antigo Israel. Aquelas nações que o povo escolhido de Deus teve maior contato são descritas com detalhes. Concluindo esse relato, aparece a dispersão em Babel demonstrando que aqueles que buscaram sua própria glória em lugar de glorificar o nome de *Iahweh* (Javé) caíram outra vez no juízo de Deus.

- **A gênese de Sem:** Este curto relato, que vai de 11.10 (*tôl^odôt*) ao versículo

26, traz a genealogia de Sem a Terá, pai de Abrão. Sua importância está fora dele mesmo e se dá ao apontar para a origem do pai de Abrão e fazer a ligação deste com Sem e, conseqüentemente, com Noé e sua ascendência. Abrão será uma figura importante no relato seguinte de *Gênesis* e colocá-lo em “cena” sem revelar seu “berço” seria a criação de um hiato na história dos patriarcas.

- **A gênese de Terá:** Constitui um dos maiores relatos, ocupando o espaço entre 11.27 (*tôlê dôt*) e 25.11, cobrindo quase um quarto do livro de *Gênesis*. Registra a história da escolha de Abrão e da promessa feita a ele de que seria uma grande nação. Abraão é desafiado a confiar completamente na promessa de Deus, mas concorda com Sara, sua esposa, e tem um filho com Agar – a quem chama Ismael – por causa da aparente demora de Deus em cumprir sua promessa. Dentro desse relato há a descrição do nascimento de Isaque e da prova a qual Deus submeteu Abraão, pedindo-lhe que lhe oferecesse seu filho em sacrifício. O relato encerra-se com a morte de Abraão demonstrando que, após sua morte, a promessa da bênção é passada ao seu filho Isaque (25.11).

- **A gênese de Ismael:** Um curto relato de 25.12 (*tôlê dôt*) a 25.18; na verdade, o mais curto dos dez relatos. O versículo 12 deixa claro que este filho de Abraão é com Agar, “*a serva egípcia de Sara*”.

Trata-se de uma linha secundária na história da graça salvadora de Iahweh. Esses sete versículos documentam como Deus cumpriu a sua promessa de que multiplicaria a descendência de Ismael (16.10).

- **A gênese de Isaque:** Razoavelmente extenso esse relato, que se inicia em 25.19 (*tôlê dôt*) e se estende até 35.19, apresenta as gerações que se seguiram a Abraão, por meio da família de Isaque. Diferente do seu ilustre pai, Isaque foi de uma natureza tranquila e introvertida e sua esposa, Rebeca, embora estéril foi agraciada com filhos gêmeos: Esaú e Jacó. Desde antes do nascimento, o relato aponta para um conflito existente entre eles. No desenrolar da história (de uma forma intrigante e atraente), Jacó – que seria o mais novo, pois nascera minutos após Esaú – obtém o direito de primogenitura e a bênção de Isaque, tendo seu nome trocado para Israel.

- **A gênese de Esaú:** Esse relato que começa em 36.1 (*tôlê dôt*) e se encerra em 37.1, concentra sua atenção nos descendentes de Esaú e, aparentemente, quer justificar a existência de Edom ao revelar a origem deste povo vizinho de Israel, que reaparecerá em outras partes da literatura do Antigo Testamento.

- **A gênese de Jacó:** Este é o último e o maior de todos os relatos. Começa em 37.2 (*tôlê dôt*) e vai até o último versículo de *Gênesis* em 50.26.

LIÇÃO

1

TEXTO BÍBLICO
GÊNESIS 1

TEXTO ÁUREO
GÊNESIS 1.31

A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

I. PREPARO

OBJETIVOS

- Entender como se deu a origem do universo.
- Conhecer o objetivo central da narrativa da origem do universo.
- Identificar, a partir da narrativa da origem do universo, quem é Deus.
- Compreender a forma como Deus intervém na natureza e em nossa vida.

RECURSOS DE ENSINO

Quadro-negro ou cartolina para escrever frases de destaque para serem lidas pelos alunos.

MÉTODOS DE ENSINO

Exposição oral feita pelo professor. Ficar o mais próximo possível da turma para transmitir a aula. A proximidade dos alunos entre si também é importante. Caso eles se sentem um ao lado do outro poderão compartilhar opiniões e ideias durante as discussões dirigidas.

II. DESENVOLVIMENTO DA AULA

1. Apresentar o tema do período, dando ênfase na importância do estudo do livro das origens.
2. Ler com a classe o texto áureo.

3. Perguntar aos alunos:

- Qual é o seu entendimento pessoal acerca da origem do universo?
- Como ler a descrição da criação do mundo em Gênesis 1?

4. Expor aos alunos (escrever este texto no quadro para destaques):

A narrativa da origem do universo, da terra e da natureza que nos cerca, bem como do ser humano, não tem o objetivo de defender nossas posições teóricas acerca do processo de aparecimento das coisas visíveis. O objetivo da narrativa é demonstrar que, de alguma forma, o nosso Deus, pelo poder da sua Palavra (compreendendo tudo o que isto significa) e do seu Espírito deu origem a tudo o que vemos.

5. Explicar a relação entre criação do sol e da luz, seguindo as orientações da revista do aluno.

6. Ler com a classe o versículo 2 do capítulo 1 e trazer à luz a compreensão da expressão: “[...] mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas” (1.2b). Demonstrar que esta passagem expressa o cuidado de Deus em controlar e dirigir o processo de criação. É por isso que podemos dizer que Deus é o nosso Criador.

7. Explicar que o objetivo central da narrativa da criação era ser uma pregação

para fortalecer o povo de Deus e que este objetivo se aplica também a nós.

8. Concluir o estudo, fazendo as aplicações das lições para a vida:

- *Quem é Deus?*
- *Como o nosso Deus faz as coisas?*

9. Desafiar aos alunos a que sempre lembrem destas lições para colocarem suas vidas à disposição do nosso Deus.

10. Encerrar a aula, pedindo para que um aluno ore, reconhecendo Deus como criador e sustentador de todas as coisas, colocando a vida de todos à disposição do Senhor.

III. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Um questionamento que, certamente, surge na mente de todos, principalmente durante a infância, é saber mais sobre a origem de tudo. É pela fé, e somente pela fé, que aceitamos a existência de um poder que é superior a nós – Deus – com a esperança de um dia compreendermos melhor o mistério.

Não é por acaso que Deus é o sujeito da primeira sentença da Bíblia. Ele domina inteiramente o primeiro capítulo, saltando à vista a cada ponto da primeira página. A passagem e o livro como um todo falam de Deus. Lê-lo com outro interesse seria fazer uma falsa leitura.

Antônio Neves de Mesquita, em seu livro *Estudo no livro de Gênesis*, apresenta duas teorias, ou tentativas de se explicar a origem do universo, que nos ajudarão a compreender o que foi dito acima.

A primeira teoria apresentada é a Teoria da Nebulosa, onde Kant, Laplace e Guiot, três grandes pensadores da história, nos fornecem o seguinte esquema:

1) No princípio Deus criou a matéria que se encontra espalhada pelo universo e que constitui o nosso sistema planetário e outros sistemas ainda não conhecidos. Esta matéria teria surgido em estado gasoso e, como o gás ocupa mais espaço do que os sólidos, ela ocuparia todo o espaço conhecido e desconhecido.

Toda esta matéria gasosa estaria revolvendo em torno de seu eixo, num movimento muito lento, devido à sua grandeza, de modo que um dia seria de milhões ou bilhões de anos.

Com o passar do tempo, a matéria foi se condensando e diminuindo de volume, aumentando assim de rotação e transformando-se numa espiral que terminaria por se desagregar em suas partes, formando o que conhecemos hoje como o universo e seus sistemas.

Desta atividade, chamada molecular, surgiu, pelo atrito, a luz, como mencionada em Gênesis 1.3.

2) A outra teoria é a de Alexander Friedman, matemático russo, baseado na teoria da relatividade de Einstein, que imaginou o nosso universo como uma imensa bola de hidrogênio, que se estenderia e explodiria, até atingir distâncias infinitas. H. P. Robertson, da universidade da Califórnia, com a ajuda de telescópios, indicou que esta massa continua em expansão.

Observe que as duas teorias tentam explicar a maneira como o processo evolutivo se deu. Mas nenhuma das duas, seja uma grande massa de gás que se condensou ou uma bola de hidrogênio que explodiu, elimina a necessidade de serem geradas por algo. Algo existia antes delas.

A Bíblia não se preocupa em relatar o modo específico da criação. Ela relata que tudo foi feito pela palavra de Deus, mas não entra na questão do que teria acontecido para que se cumprisse a ordem de Deus.

A ciência tenta explicar este processo, mas não atinge a força geradora ou causa de tudo. Esta é uma tarefa da teologia.

As ciências naturais não conseguem compreender, muito menos alcançar, o propósito ou as primeiras causas da criação; elas, com suas evidências, apenas descrevem o processo natural. As duas coisas, Bíblia e ciência, se complementam.

LIÇÃO

2

O SER HUMANO A RAZÃO DE SER DA CRIAÇÃO

TEXTO BÍBLICO

GÊNESIS 2

TEXTO ÁUREO

GÊNESIS 2.15

I. PREPARO

OBJETIVOS

- Reconhecer o fato de que Deus é o criador do ser humano, bem como suas implicações.
- Analisar a relação do ser humano com o ambiente em que vive.
- Compreender quem é o ser humano que Deus criou.

RECURSOS DE ENSINO

- Quadro-negro;
- Papel A4;

- Lápis de cor.

MÉTODOS DE ENSINO

Divisão em grupos para discussão dos tópicos.

II. DESENVOLVIMENTO DA AULA

Preliminares

- Dar boas-vindas aos alunos com uma saudação cristã.
- Dividir os alunos em quatro grupos e distribuir uma folha de papel em branco entre os grupos.

Cada grupo deve fazer um desenho que simbolize o tema da lição: O ser humano – razão de ser da criação.

- Pedir que cada grupo apresente seu desenho e sua explicação.
- Realizar um momento de oração. Sugerir que o tema da oração seja gratidão pelas maravilhas da criação, bem como a posição que o ser humano ocupa na criação de Deus.

1. Lembrar com a classe as lições aprendidas na última lição: “*Quem é Deus e como ele faz as coisas*”.

2. Ler com a classe o texto áureo.

3. Cada grupo deverá formular, no verso da folha em que desenharam, uma explicação do entendimento que eles têm acerca da formação do ser humano, que deverá ser lida e comentada.

4. Expor aos alunos:

O capítulo 2.4-25 de Gênesis é uma segunda narrativa da criação. Destaca outros atributos da natureza humana e o relacionamento entre o macho e a fêmea, usando os termos (v. 27) em destaque da primeira narrativa (Gn 1.1-2.3). A segunda narrativa está preocupada em ensinar acerca do ambiente em que o ser humano estava inserido. Ambiente este que, no seu relacionamento, proporcionou decisões e consequências diversas.

5. Distribuir entre os quatro grupos uma nova folha com as seguintes tarefas:

Tarefa 1:

a) O ambiente em que o ser humano habitava era um ambiente que carecia de sua intervenção – o trabalho;

b) No ambiente em que Deus colocou o ser humano, também, colocou o alimento da alma: “a árvore da vida”;

c) No ambiente em que Deus colocou o ser humano para habitar, fez brotar a “árvore do conhecimento do bem e do mal”;

d) O ambiente em que Deus colocou o ser humano era um local estratégico. Dali saía um rio que regava o jardim.

Cada grupo explicará um destes aspectos do ambiente em que Deus colocou o ser humano, fazendo as devidas transposições para a realidade de hoje e falando das implicações deles para nossa vida.

Tarefa 2:

Os grupos deverão falar sobre o entendimento que têm acerca do ser humano que Deus criou. Quais são suas características? O que faz parte de sua natureza?

Cada grupo irá explicar o significado de um destes temas, utilizando a revista do aluno como subsídio de pesquisa: Deus soberano sobre a história; a virtuosidade do trabalho humano; a necessidade de guardar; a lição em foco.

Tarefa 3:

Cada grupo deve explicar como o ser humano pode conciliar suas dotações com as seguintes afirmações:

- a) O ser humano foi criado para ser propagador de vida;
- b) O ser humano foi criado numa situação de perfeição, para viver para sempre;
- c) O ser humano foi criado em estado de felicidade. Tudo o que ele busca é a felicidade.

As exposições dos grupos devem ser enriquecidas pelos demais grupos e pelo professor.

6. Desafiar os alunos para que lembrem destas lições, para colocarem suas vidas à disposição do nosso Deus.

7. Encerrar a aula, pedindo que um aluno ore, clamando a Deus que ajude a cada um a ser um propagador de vida, que faz bom uso de sua liberdade de escolha e que encontre sua felicidade em Deus.

III. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O ser humano era o clímax da narrativa de Gênesis 1 e, agora, ele se tornou o pivô. Tudo o que se diz é dito em função dele. A narrativa agora dá a localização da cena da criação, passando do mundo geral para um jardim, e tudo o

que se segue é representado neste pequeno palco.

O local tradicional e, geralmente, reconhecido como o local do Jardim do Éden, é a Babilônia, próximo da Foz do Eufrates, mais especificamente 19 km ao sul de Ur, conhecido como Eridu. “Edin” era o antigo nome sumeriano da planície babilônica.

Atualmente, o Tigre e o Eufrates confluem cerca de 160 km acima do Golfo Pérsico; mas no tempo de Abraão o golfo se estendia até Ur, onde os dois rios entravam nele separados e, possivelmente, corriam juntos uma pequena distância, separando-se de novo antes de alcançar o golfo. O jardim poderia se situar entre os dois cursos unidos, entre a confluência e a separação deles, formando assim os quatro braços.

Uma discussão que surge, a partir da criação de um primeiro ser humano, é se nossa semelhança com Adão se limitaria apenas ao corpo ou, também, ao espírito. A maioria dos comentaristas da Bíblia, entretanto, preferem entender que a imagem de Deus é um conceito espiritual, e não material. Ou seja, a aparência não tem relação com o corpo, mas com a parte espiritual do ser humano. É essa parte que nos torna semelhantes a Deus.